



Dia do Esperanto 2024: Por um mundo para todas as línguas e sem discriminação linguística

O Artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma claramente que “todos os direitos e liberdades definidos nesta Declaração aplicam-se igualmente a todas as pessoas, sem qualquer distinção, seja com base na raça, cor da pele, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outra situação.”

Isso por si só condena claramente a negação dos direitos humanos linguísticos a povos, grupos, etnias, comunidades pequenas, vulneráveis e politicamente sem influência, e afirma positivamente a necessidade de lutar contra a discriminação linguística.

O que é discriminação linguística? Ela acontece sempre que pessoas mais fortes, mais poderosas, mais educadas, mais ricas falam nas suas próprias línguas nativas com outras pessoas que possuem outras línguas nativas, e estas últimas são forçadas a tentar compreender e tentar responder, se puderem. É um tratamento injusto das pessoas, que é tão antigo quanto a escravatura, a desvalorização das mulheres, o assassinato impune dos mais vulneráveis, a exploração econômica de países menos poderosos, o racismo e outras práticas injustas semelhantes.

Mas há uma diferença em comparação com outras formas de discriminação: a discriminação linguística muitas vezes não é reconhecida por aqueles que discriminam e nem mesmo por aqueles que são discriminados.

A própria Organização das Nações Unidas, que é o único ponto de diálogo mundial que o nosso planeta possui, não aplica plenamente o que a declaração sobre os direitos humanos indica: a igualdade de todos para compreender e ser compreendido. A ONU tem vários idiomas importantes como línguas oficiais, mas na realidade usa apenas alguns dos principais para falar com o mundo. Portanto, tende a ouvir apenas aquela pequena parte do mundo que é capaz de responder nessas línguas principais. Será esta a forma mais eficaz de mobilizar os cidadãos do mundo para alcançar uma solução para problemas globalmente importantes, por exemplo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o diálogo sobre o clima ou a procura da paz?

Alguns dos principais políticos africanos reconheceram claramente a relação entre o uso das línguas maternas e o desenvolvimento, como Julius Nyerere e Nelson Mandela, que uma vez disse: "Se você fala com uma pessoa numa língua que ela

entende, você está falando com a cabeça dela, mas se você falar com ela na língua dela, você fala ao coração dela”.

E nós precisamos mobilizar os corações em torno dos objetivos da Organização das Nações Unidas.

A solução proposta pelos falantes da língua neutra mundial Esperanto talvez seja futurista demais para ser aplicada imediatamente em larga escala, mas vale a pena interessar-se por ela, porque é uma língua criada para que todas as pessoas no mundo tenham o direito falar a sua própria língua nativa sem a pressão das grandes línguas dominantes. O Esperanto foi criado para que todas as línguas possam viver, e para que o diálogo entre grupos de línguas diferentes possa ocorrer sem pressão uns dos outros, mas de forma igualitária, sem discriminação.

Não estamos convidando, por ocasião do Dia do Esperanto deste ano, em 26 de julho, que você aprenda Esperanto simplesmente para aprender outra língua, mesmo que seja relativamente fácil, mas para que entenda o que é a discriminação linguística, quem a pratica e como podemos superá-la por meio da comunicação igualitária.